

## SOPRAR: UM PENSAMENTO SOBRE A POTENCIA DA IMAGEM

KARINA GALLO<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEl – [karinag2706@gmail.com](mailto:karinag2706@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEl – [sacco.h@gmail.com](mailto:sacco.h@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo pensar a ação de criação em tempo real da publicação artística *Soprar*, realizada pelo Projeto de Pesquisa *Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas*, projeto que visa pensar e produzir conteúdo acerca dos Livros de artista e é coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, projeto ao qual sou bolsista de pesquisa pela FAPERGS. A ação do projeto foi realizada no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo CA/UFPEl (MALG) durante o lançamento do livro *A imagem queima* do Georges Didi-Huberman, tradução do Prof. Helano Ribeiro, do curso de Letras/UFPEL.

A proposta de realização de uma publicação expressa foi pensada pelos membros do projeto, a partir leitura deste. Na ação fizemos uma linha de produção de livros expressos, onde tudo acontecia ali mesmo no corredor do museu, minutos antes das falas de lançamento do livro *A imagem queima*.

O livro *A imagem queima*, visa pensar o movimento da imagem no tempo, o que ela deixa de rastros, o que arrasta consigo no tempo, o que nela ainda queima e o quê por ela ainda é queimado. O queimar segundo Didi-Huberman seria:

Queima pela luz, ou seja, pela possibilidade visual aberta por seu próprio consumo: verdade valiosa, porém passageira, visto que está destinada a se apagar (assim como uma vela nos ilumina, mas, ao queimar-se, destrói-se a si mesma). Ela queima por seu movimento intempestivo, incapaz de deter a sua marcha (como dizemos "queimar etapas"), por ser capaz de bifurcar-se, de partir bruscamente a outro lugar (em francês se diz "blûller la politesse" quando se parte abruptamente, sem avisar ninguém). Ela queima por sua audácia, ao fazer com que todo o retrocesso, toda a retirada sejam impossíveis (como dizemos, "queimar as pontes" ou "queimar suas embarcações"). Ela queima pela dor da qual procede e que oferece a quem dedique seu tempo para se afeiçoar a ela. Enfim, a imagem queima pela memória, ou seja, que ela queima ainda, ainda que só seja cinza: um jeito de expressar sua vocação essencial para a sobrevivência, para o apensar de tudo. Mas, para sabê-lo, para senti-lo, é preciso ousar, é preciso aproximar o rosto da cinza. E soprar suavemente para que a brasa, por debaixo, comece a emitir de novo seu calor, sua luz, seu perigo. Como se da imagem cinza, saísse uma voz: Não vês que estou queimando?"(DIDI-HUBERMAN, p. 69).

Foi a partir desse pensamento que surgiu o nome de nossa publicação "Soprar", a partir da ideia que no texto significa soprar as cinzas reavivar as brasas, intensificar os sentidos, as potências da imagem, tornar a olhar uma vez mais e duvidar do apagamento. A partir da leitura-partilhada em grupo nos questionamos sobre a duração das imagens no tempo? Quais imagens sobreviveriam a queima e ainda teriam a potência de queimar? Como a partir dessa leitura e desse pensamento criar uma ação que se relacionasse ao livro valorizando a criação por via de imagens e livros?

## 2. METODOLOGIA

A partir disso cada membro do grupo se dispôs a criar uma imagem através dessas inquietações, entre fotografias, colagens e desenhos, as produções foram diversas, totalizando onze imagens mais a capa. A proposta de criar uma editora expressa de livros surgiu pensando em propor diálogo com o contexto, já que o evento era de lançamento de um livro em que discute sobre imagens suas durações também por via dos livros, sendo assim decidimos criar uma ação que constituía de forma sintética as etapas de edição e produção de livros, nossa própria editora, itinerante e expressa.

Para a produção dos livros dispúnhamos de uma impressora da qual imprimíamos as páginas e capa dos livros que continham as imagens previamente produzidas e digitalizadas por cada membro do grupo, carimbos para interferência nas imagens e mesas de corte para produzirmos as capas – formadas pela imagem de um mostruário taxonômico de borboletas, da qual cortávamos a volta da asa de uma delas, quase em uma tentativa de libertá-las da fixação. Tínhamos também um grupo responsável por dobrar as páginas que iam sendo impressas, e outro que já ia montando os blocos de mini cartazes no interior do livro, que ao final obteve a forma de fólios soltos, como uma metáfora de libertação das borboletas-imagens. Todo processo se deu no mesmo local, numa longa mesa onde nos dispomos de ambos os lados vestidos com aventais da cor de uma laranja brasa.



Fig. 1 - Linha de produção do livro “Soprar”

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curto tempo no processo de edição nos fez pensar o quanto esta ação também nos provocava a reflexão sobre a instantaneidade no acesso aos conteúdos e o quanto essa velocidade acarreta num duplo apagamento. Qual tempo as imagens necessitam?

Esta ação também foi um exercício de reflexão sobre a produção de imagens, textos, livros. Da complexidade deste processo, seu tempo de desenvolvimento, etapas, custos, distribuição. Pensamos também muito sobre o valor de cada obra realizada, cada tradução concedida, o quanto o livro proporciona duração ou ao menos se propõe a isso. Mas o quê devemos fazer durar? Qual o valor da duração no mundo contemporâneo pautado pelo domínio

do efêmero? Pensamos sobre a importância de disseminar ideias por via das imagens, livros, textos, do quanto da história se mantém viva de alguma maneira, por via desse gesto.

Nós sabemos bem que cada memória é sempre ameaçada pelo esquecimento, cada tesouro é ameaçado pelo saque, cada tumba é ameaçada pela profanação. Por esse motivo, cada vez que abrimos um livro – pouco importa se o *Gênesis* ou o *120 dias de Sodoma* –, teríamos talvez que reservar alguns segundos para refletir sobre as condições que tornaram possível o simples milagre de que o texto esteja aqui, diante de nós, que tenha chegado até nós. Houve tantos obstáculos. Tantos livros e bibliotecas foram queimados. E da mesma forma, cada vez que colocamos nosso olhar sobre uma imagem, deveríamos pensar nas condições que impediram sua destruição, seu desaparecimento. É tão fácil, tem sido tão recorrente, em qualquer época, destruir as imagens. (DIDI-HUBERMAN, 2018, p.34)

No livro, Didi-Huberman compara as imagens ao vôo das falenas, às emoções que o observar esse cortar de ar nos provoca e o quanto seu desaparecimento deixa rastros. Ele vai dizer que o que a imagem deseja é a flama e o que dela fica em nós são as cinzas. (p.32,33) E também vai nos dizer da essência que perdemos ao tentar aprisionar as imagens, da emoção que se modifica ao ver uma mariposa presa com alfinetes em um pedaço de cortiça coberto por um vidro.

Foi, principalmente, em torno do pensamento acerca das falenas, dessas cinzas, dos rastros que diversas das imagens, incluído a capa foram pensadas.



Fig 3 e 4 – Imagens produzidas para o livro soprar, imagens de Luana Alt e Karina Gallo respectivamente.

Durante a ação, que durou cerca de uma hora e meia antes do lançamento do livro *A imagem queima*, foram fabricados e distribuídos cerca de 20 livros, contendo onze imagens no formato de mini cartazes. O formato de livro-cartaz foi procurando contemplar a melhor forma de visualização das imagens, e a forma de edição com fôlios soltos reunidos pela capa em dobra dialogava com a liberdade proposta pela metáfora das falenas. Embora a proposição se apropriasse da ideia de fábrica e de sua produção seriada em linhas de montagem, o que propomos foi muito mais uma aproximação lúdica que expõe seu sentido inverso, pois o processo de produção de livros é atravessado por processos de subjetivação.

Foi possível perceber o conjunto de imagens como resultado das leituras e dos debates que tivemos sobre o livro, mas ao mesmo tempo conseguimos nos ver nas imagens, nos conhecendo melhor e principalmente entendendo os

movimentos de nossas percepções sobre a produção do visível na atualidade. Percebemos que a partir da estratégia expansiva da reprodutibilidade, foi possível ampliar a possibilidade da sobrevivência dessas imagens no tempo. Pode-se perceber a partir da ação, que ao expandir para um público mais alargado, o pensamento, as imagens também se ampliam, assim como a possibilidade de diálogo e reflexão, o que faz do livro múltiplo (DERDYK, 2012) o meio que de fato cria uma estratégia expansiva de pensamento. Pensando assim Michel Zóximo da Rocha que:

Nessa instância, a crescente proliferação dos meios de impressão, o uso da fotografia, a manipulação dos processos de edição gráfica e o elogio ao texto [como prática reflexiva ou poética] articulam-se como alguns vetores da publicação de artista. Em um âmbito geral, essas produções se configuram em meio impresso, como tiragens limitadas ou ilimitadas, justapondo através das artes gráficas, imagem e [ou] texto. Trata-se de um importante veículo de difusão e de dispersão utilizado por distintos projetos artísticos que podem empregar ou abrir mão das estruturas convencionais de edição, de publicação, de distribuição e de circulação. (ROCHA, p.12)



Fig.2 - Livros finalizados e prontos para distribuição

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da ação foi possível a criação de uma edição coletiva que permitiu por via colaborativa um alargamento da experiência de leitura, ao debater percepções sobre o livro e as diversas questões que o cercam, possibilitando ainda dividir essas percepções através da publicação *Soprar* com um público maior. Percebemos a partir da ação que o livro aqui deixa de ser somente um lugar de leitura e se torna um lugar para encontro de leitores. Com isso o grupo continua com seu maior objetivo que é propor a leitura, a escrita e ao valor dessa experiência de editar livros, procurando propor a reflexão e consciência de que a existência de escritores está atrelada na capacidade de existência de leitores.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERDYK, E. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem queima**. Curitiba: Editora Medusa, 2018.
- ROCHA, Michel Zóximo da. **Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes**. Porto Alegre: M. Z. da Rocha, 2011.